

CRIPTOCOCOSE

Aranha, Alyne Regina
Acadêmica da Associação Cultural e Educacional de Garça – FAMED
Zappa, Vanessa
Docente da Associação Cultural e Educacional de Garça - FAMED

RESUMO

A criptococose é uma zoonose oportunista, causada por uma levedura capsulada, sendo encontrados em solo, frutos e vegetais em decomposição, apresentado como reservatório as fezes das aves, principalmente pombos, e raramente morcegos. É uma infecção fúngica localizada ou sistêmica, causada pela levedura do ambiente, o *Cryptococcus neoformans*, que acomete o homem e outras espécies animais, principalmente os gatos.

Palavra chave: criptococose, fungos, infecção.

ABSTRACT

The opportunistic cryptococcosis is a zoonotic disease, caused by a yeast capsular involvement, being found in soil, rotten fruit and vegetables, appear as the reservoir feces of birds, mostly pigeons, and rarely bats. It is a localized or systemic fungal infection, caused by yeast of the environment, the *Cryptococcus neoformans*, which affects the human and other animal species, particularly cats.

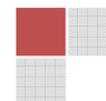
Keywords: cryptococcosis, fungus, infection.

1. INTRODUÇÃO

A criptococose é uma zoonose oportunista, causada por uma levedura capsulada, sendo encontrados em solo, frutos e vegetais em decomposição, apresentado como reservatório as fezes das aves, principalmente pombos, e raramente morcegos (OLIVEIRA et al., 2008).

É uma infecção fúngica localizada ou sistêmica, causada pela levedura do ambiente, o *Cryptococcus neoformans*, que acomete o homem e outras espécies animais, principalmente os gatos (TILLEY et al., 2003).

O fungo é transmitido através da inalação, sendo que manifestações pulmonares e nasais são mais comuns. O microrganismo provavelmente se dissemina por via hematogênica para os locais extrapulmonares. Quando secas, as



fezes das aves transforma-se em pó, que pode ser inalado acidentalmente. O simples contato com animais doentes não apresenta risco, desde que não haja imunossupressão (NELSON et al., 1998; ANGELO et al., 2000).

Não há dificuldades para se estabelecer o diagnóstico da criptococose. Além da anamnese e dos achados do exame físico, recorrem-se a exames complementares (SOUZA, 2007).

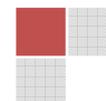
2. CONTEÚDO

A criptococose é a infecção fúngica sistêmica mais comum em gatos e deve ser considerado diagnóstico diferencial em gatos com doenças do trato respiratório, nódulos subcutâneos, linfadenopatia, inflamação intra-ocular, febre ou doença no SNC. Infecção da cavidade nasal é relatada mais freqüentemente e comumente resulta em espirro e corrimento nasal, que pode ser uni- ou bilateral, variando de seroso a mucopurulento e freqüentemente contém sangue (NELSON et al., 1998).

Lesões cutâneas tendem a localizar-se na cabeça, pescoço e orelhas, consistindo de nódulos firmes a flutuantes, bem circunscritos, e aglomerados, que se rompem e exsudam grandes quantidades de um exsudato mucinoso (SOUZA, 2007).

Pode incluir coriorretinite granulomatosa (exsudativa), uveíte anterior e neurite óptica (BICHARD et al., 1998). No SNC resultam de meningoencefalite difusa ou focal ou formação de granuloma focal. A manifestação inclui depressão, alteração de comportamento, convulsões, cegueira, andar em círculos, ataxia, perda da sensação do olfato e paresia, dependendo do local da lesão. Os achados clínicos de criptococose em cães são dependentes do sistema orgânico envolvido e são similares aqueles que ocorrem em gatos (NELSON et al., 1998).

A microscopia auxilia no diagnóstico, consistente de massas de organismos que proliferam com pouca ou nenhuma restrição; baseando-se nas características das lesões microscópicas, nas quais os microrganismos podem ser demonstrados e identificados por cultura ou pela morfologia (JONES et al., 2000).



O diagnóstico definitivo de criptococose necessita de isolamento em cultura do microrganismo. As hemoculturas são positivas em 10% dos pacientes, com a técnica de lise-centrifugação sendo mais sensível. O teste de aglutinação pelo látex é muito sensível para o diagnóstico de criptococose, sendo utilizado tanto no LCR quanto no soro (TILLEY et al., 2003; VERONESE et al., 2004).

Como a obstrução nasal diminui o apetite nos gatos, deve-se estimular os pacientes a comer oferecendo alimentos palatáveis. (TILLEY et al., 2003).

O uso do Fluconazol é o tratamento de escolha para criptococose. É efetivo, tendo excelente penetração no SNC, nos olhos são os locais preferidos para disseminação de *Cryptococcus* (BIRCHARD et al., 2008).

3. Conclusão

Uma das principais estratégias para a prevenção da Criptococose é o controle dos pombos. Umidificar os locais onde há acúmulos de fezes de pombos, ajudam evitar que o fungo se disperse por aerossol, contaminando o ambiente. Há a necessidade de esclarecer a população dos riscos que os pombos trazem à sociedade, portanto campanhas educativas são de grande importância para a saúde pública.

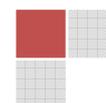
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGELO, B. Jr., MARCOS, M. **Doenças das Aves**, editora facta, 2000.

BIRCHARD, S.J., SHERDING, R.G. **Clinica de Pequenos Animais**, Manual Saunders, editora Roca, p.1406-08, 1998.

BIRCHARD, S.J., SHERDING, R.G. **Clinica de Pequenos Animais**, Manual Saunders, editora Roca, p. 217, 2008.

JONES, T. C.; HUNT, R. D.; KING, N. W. Criptococose. **Patologia Veterinária**. 6ª ed. São Paulo: Manole. p. 861. 2000.



OLIVEIRA, F.; BAZAN, C.; SOLIVA, A.; RITZ, R.; FAGUNDES, E.; CAMARGO, G.; AUGUSTO, M.; SURIAN, C.; CALDERARO, T.; Criptococose. **XI Anais do Simpósio de Ciências Aplicadas da Faef**. Medicina Veterinária. V.1. Garça: Faef. Pag.221-225. 2008.

NELSON, R. W.; COUTO, G. C. Criptococose. **Medicina Interna de Pequenos animais**. 2ª edição; Editora Guanabara Koogan. pag.1023-1025. 1998.

SOUZA, F. B. Criptococose. **X Anais do Simpósio de Ciências Aplicadas da Faef**. V. 1, Medicina Veterinária. Garça: Faef. p. 217-221. 2007.

TILLEY, L. P.; SMITH, JR., F. W. K. Insuficiência Pancreática Exócrina (IPE). **Consulta Veterinária em 5 Minutos Espécies Canina e Felina**. 2ª Ed. São Paulo: Manole. p.598. 2003.

VERONESI, R. FOCACCIA; R. Criptococose. **Tratado de Infectologia**. 2ª edição. Editora Atheneu. pag.107. 2004

